

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

## CHRONICA DOS SALÕES.



Bons dias, leitoras: felicito-vos pelo gozo de todos os prazeres em que passastes os dias de festa.

Tambem eu pude gozar de um agradavel divertimento de *Reis*, no bairro de Andaraby, cuja estrada foi percorrida por um bando festivo, que em diversas casas entoou um hymno, de effeito admiravel pela belleza da composição, pela suavidade das vozes e pela excellente execução.

Communicou-me uma de minhas amigas, que passou tambem entretida, em S. Clemente, no meio de numerosa e escolhida companhia, e a cuja casa forão dous bandos que cantarão e dançarão, concorrendo assim para o maior prazer que reinava nessa reunião.

Pelas ruas da cidade correrão algumas musicas, que despertavão a quem havia procurado distracção nos braços de Morpheo.

Já vêdes pois, senhoras, que a vespera de *Reis* foi passada em reuniões campestres; ás quaes concorrerão, como sempre, a elegancia, o bom gosto e a amabilidade das innumeradas estrellas que scintillão nos dourados salões da nossa corte, e que nessa occasião brillhavão entre as flores como delicados meteoros.

Houve tambem, na noite de 5 do corrente, uma brillante reunião em uma das melhores casas da rua dos Barbonos, á qual esteve presente uma de

nossas mais particulares amigas, que se retirou bastante satisfeita.

Em breve começarão as nossas interessantes a retirar-se para a cidade com o fim de se prepararem para os bailes do corrente anno, que devem ser esplendidos; e, a calcular os progressos da civilisação e do bom gosto, devemos esperar que nelles se observe alguma cousa de maior aperfeiçoamento tanto na elegancia dos *toilettes* e na encantadora amabilidade das pessoas que os frequentão, como mesmo no serviço e adornos dos nossos magnificos salões.

Não queremos com isto dizer que uns ou outros tenham até agora merecido censura alguma por negligencia ou desprezo das regras do bom tom; porém esperamos que as frequentes chegadas dos paquetes provenientes da Europa, que havião sido desviados da sua marcha pela grande questão dos gigantes da Criméa, continuem a importar-nos duas vezes por mez todas as innovações admittidas na séde do mundo elegante. Por esta razão imaginamos ver nas proximas reuniões mil innovações prendendo as attentões pela originalidade do gosto, ou pela excentricidade das combinações ou por caprichosos aperfeiçoamentos de cousas que já nos são conhecidas e mesmo familiares. Não é isto uma phantasia irrealisavel; as nossas leitoras estão de certo acostumadas a ser todos os annos mimio-

seadas com a apparição de novos modelos, produzidos pelo engenho artistico das modistas e fornecedores mais afamados de Pariz, que o são aqui representadas pelas casas que semanalmente annunciamos como as que se têm tornado dignas de especial recommendação.

Na quarta-feira desta semana abrirão-se as partidas semanais do *Club Fluminense*, que, segundo um annuncio do empresario, foram transferidas das quintas-feiras para os dias antecedentes. Foi muito concorrida esta reunião, e as bellas senhoras que a ella comparecerão apresentarão-se em *toilettes* escolhidos como que houvessem combinado solemnizar a installação ou abertura destas amaveis companhias no corrente anno. Dou-lhes muita razão; pois tenho observado, sempre que ahí tenho comparecido, alguma cousa inexprimivel que alegra o espirito e fascina os olhos, mas que não é commum a todas as renniões que com tanta frequencia tem lugar, proporcionando ás pessoas do grande mun-

do occasiões repetidas de avistar-se e estreitarem constantemente os laços da convivencia social que tão claramente exprimem o estado de civilisação da sociedade no nosso seculo.

Consta-me que a sociedade *Vestal* dará no corrente mez o seu baile precedido da interessante parte harmonica. O brilhantismo desta sociedade muito maior se tornará, se a digna e incansavel directoria realizar o projecto de augmentar o salão pelo lado do *toilette* das senhoras.

A sociedade *Phil-Euterpe* tambem começou as suas reuniões familiares na quinta-feira desta semana. Felicitando a sua digna directoria pelo brilhante desempenho do seu encargo, faço votos pela prosperidade da associação tão importante pelos serviços prestados á sciencia musical, e tão agradável para nós pela satisfação que tenho tido em todas as noites em que tenho podido frequental-a.

*Alina.*

## DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Vestido de *moire antique* cor de violeta: capote de cachemira enfeitado de fita de pelucia e franja.

Chapéu de veludo *épinglé* branco, enfeitado de plumas e blonde.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA. — Vestido de nobreza lisa: saia enfeitada com um grande folho e dous outros mais estreitos, guarnecidos de franja: corpo decotado, liso, com cabeção de basquine alogado: manga comprida coberta por um fofó e dous folhos largos. Estes folhose o cabeção são enfeitados da mesma franja.

Sub-mangas de cambraia.

Collarinho de *guipure*.

Enfeite de cabeça de fita de veludo escarlate.

Eis a descripção de dous figurinos de inverno feita e apresentada ao juizo do mundo elegante fluminense no mez da nossa estação mais quente! Parece um absurdo que isto se dê n'um jornal de modas que se esmera em satisfazer a todas as suas assignantes com todas as novidades mais modernas de Pariz. Mas é uma ver-

dade. Não pôde o *Jornal das Senhoras* deixar de ser exacto no que promette, quando apresenta, na estação calmosa do Rio de Janeiro, figurinos para a estação fria de Pariz, desde que o mundo elegante se convencer que os mezes de inverno na Europa são os mais quentes no Brasil. Ora, recebendo o *Jornal das Senhoras* os figurinos mais modernos de Pariz, todos os mezes, quaes seriam os figurinos que elle deveria apresentar ás suas assignantes no mez de Janeiro?

Aquelles que recebeu no mez de Dezembro, os mais modernos de Pariz, os de inverno por consequente.

Esta explicação, minhas leitoras, é sómente para avivar em vossa lembrança o que já tem dito o nosso artigo de modas, todos os annos por este tempo, a respeito de figurinos de inverno. Como não pretendemos jámais vos illudir, fallamos verdade em todo o caso, e aconsellamos-vos que guardeis os figurinos que formos publicando agora; porque para o nosso proximo inverno não tereis outros senão esses mesmos, em qualquer parte que tenteis achar mais modernos.

*Alina.*



409

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue e Richelieu 98



*M. de la Mode en 1857. M. de la Mode en 1858. M. de la Mode en 1859. M. de la Mode en 1860. M. de la Mode en 1861. M. de la Mode en 1862. M. de la Mode en 1863. M. de la Mode en 1864. M. de la Mode en 1865. M. de la Mode en 1866. M. de la Mode en 1867. M. de la Mode en 1868. M. de la Mode en 1869. M. de la Mode en 1870.*

# JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

## I.

### Os tres castellos do mouro Regio.

Elrey con sus ricos homes  
Todos se habian espantado.

ROMANCEIRO.

Quem não tem visto algum castello feudal? e quem, ao contemplar um tão magnifico, como o que doou D. João II ao senhor de Vilhena, não fórma em mente o parallelo entre as torres, que habitavão os filhos d'algo de então, e os palacios em que vivem os grandes de agora?

Floreteados artezões e marmores polidos ostentão a cultura dos modernos duques, ao passo que as meradas dos castellões antigos erão fundadas em rocha, e servião-lhe de tecto pedaços informes de pedras descarnadas; porém comparaí-os.

Ali, em uma serra, sobre um povo onde se fabricão pucaros de barro, ergue-se ainda o castello que os Godos prestarão aos Arabes para hospedagem de sete seculos, e que depois volverão a habitar os mesmos Godos, sem que uma só pedra houvesse dado indício dessa fraqueza que com o tempo revela tudo quanto é obra dos mortaes. Da sua explanada, das suas torres, das suas ameias e muralhas, pude ainda alongar os olhos pelo oceano de apinhados montes que domina até ás fronteiras de Portugal, e refocillar a idéa na contemplação da deliciosa paizagem que ostentão os arroyos e as alamedas, os vinhedos, as hortas e as povoações que lhe pullulão ás plantas. Qual é o nobre que poderia hoje ceder seus paços, e que os encontraria, contando da nossa á oitava geração dos modernos senhores? Então, porém, os senhores feudaes puderão hospedar aos do Oriente com a orgulhosa confiança de que o imperio da meia lua havia de baquear primeiro em Hespanha do que as suas torres massiças. E ellas ali se conservão sombrias, severas e terriveis, erguidas sobre os povoados, e mirando as gerações a remoiuhar-lhes em torno, como as nuvens em dias de tormenta.

Oh! fóra singular que no eterno circulo da escravidão e da liberdade, da illustração e da barbaria, solta a sociedade, e entregues novamente os homens á lei da força, tornassem os grandes novamente a apoderar-se das alturas, e ahí encontrassem ainda as torres da idade-primitiva... Eu não quero, porém, nem imaginar o porvir, nem meditar no presente, senão recordar o passado. Apenas me detive um instante a observar o estado presente do castello de Salvaterra (1), para lançar um anathema sobre os que, a rijos golpes de alvião, mião os alicieeres

das suas formosas torres, para construir casas mesquinhas. Quando encontrei esses homens a quebrarem pedras que não podião extrahir, parecia-me ver por aquelle campo uma matilha de cães esfomeados a arrancarem as presas de um velho corcel, que não expirou ainda comitudo.

Que as habitações do homem, construidas com as pedras do forte castello, seião despraziveis a seus impios donos, e que elles oição, ás noites, no silvar do carrancudo inverno, a voz dos quinze seculos que assim profanarão.

Seria pelo mez de Abril, quando D. João II de Castella marchou de Córdoba em direcção á Extremadura, a combater o mestre de Santiago e seu irmão o infante D. Pedro, que continuavão defendendo-se dentro dos muros de Albuquerque. O rei andava de mui feia catadura nesses dias em que o seu valido D. Alvaro de Luna, punhado de odio contra os infantes, e deseioso de vingar os agravos recebidos, tratava de descarregar o derradeiro golpe n'uma guerra que se sustentava havia tantos annos. Nunca D. Alvaro tinha tido tantos motivos de ufauar-se. Acabava de ganhar aos Mouros a famosa batalha que João de Mena soube assim celebrar:

Con dos quarentenas y mas de millares  
Le vinos de gentes armadas a punto,  
Sin otro mas pueblo inermes alli junto  
Entrar por la vega talando olivares,  
Tomando castillos, ganando logares,  
Y hacer con el miedo de tanta mesuada  
Con toda su tierra tremblar a Granada.

Havia combatido D. Alvaro com oitenta mil infantes, e dez mil cavallos, e fóra seguido da flor dos cavalleiros andaluzes, e de toda a nobreza castelhana. Ali, entre outros nomes distinctos, desenrolarão seus estandartes os nobres condes de Hâro, de Ledesma, de Castanheda, de Madellin, de Placencia, de Niebla e de Benavente. Ali, Leon, Saldanha, Toledo, Stunhiga e Albornoz, mostrarão seu heroico esforço, ostentando, aquelles os seus guiões, e este ultimo o de seu illustre tio o Sr. de Ita, depois marquez de Santillana, que, por achar-se enfermo, não pôde marchar onde o chamava seu valor, que não era inferior ao seu talento de poeta. Feitos memoraveis, que alçarão ás nuvens o renome christão, praticarão estes e outros guerreiros de que falla a historia: porém, quem mais se havia assignalado por seu esforço no combate, como pela sua intelligencia e discrição, fóra o donzel do rei chamado Roman, que se dizia filho do marquez de Vilhena, comquanto a dureza e a indifferença com que sempre este o havia tratado não justificassem aquelle titulo.

Em cambio o rei tinha por elle o mais profundo affecto, que augmentára de ponto com as façanhas do cavalleiro. Não faltou quem motejasse Roman de haver na batalha do sobradas provas de piedade, soccorrendo um Mouro, que cahiu ferido em uma cova, depois de haver pelejado

(1) Pertence ao Sr. duque de Medinaceli.

com elle lealmente, livrando-o ao mesmo tempo da furia dos christãos, que pretendião acabal-o. Entretanto o valor com que o moço donzel se arrojava ao campo, desbaratando com os seus cavalleiros os esquadrões inimigos, não dava logar a que a calumnia se cessasse no seu nome. Tão longe estava o rei de admitir como fundadas aquellas murmurações, que havia promettido ao Marquez de Vilhena doar a seu herdeiro o castello de Salvaterra em premio de seus gloriosos feitos. Bem quizera o egoista Vilhena obter para si a recompensa devida a seu herdeiro; era muito cortezão, contudo, para mostrar diante de S. A. a má vontade que tinha a seu filho. Contentou-se com alcançar de el-rei que se acrescentasse á doação a clausula de que o castello seria aggregado ao senhorio de Vilhena, por morte do seu herdeiro, ou no caso d'elle se tornar indigno de tal mercê.

Antes de passar a Albuquerque havia o rei dispensar a Roman a posse do castello, então deshabitado, e para esse fim tencionava demorar-se um dia em Nogaes, que pertencia a seu filho o príncipe herdeiro D. Henrique.

Dizia eu que seria pelo mez de Abril quando a regia comitiva atravessava uma cordilheira de apertadas montanhas, em cujas entranhas só as feras se atreverião então a penetrar. S. A. ia, como sempre, distraído, pensando... *em cousa nenhuma*. O condestavel D. Alvaro de Luna dizia lá consigo que, se tivesse nascido rei, não lhe fôra mister intrigar para ser válido. O príncipe, no pouco que lhe aproveitava a sua real extração, estando como estava submettido á tyrannia de D. Alvaro. Pacheco, seu aio, no mal premiados que havião sido os seus serviços, e os mais, ou nas suas ambições, ou em seus resentimentos; quando um pagem de lança da casa de Vilhena, uma das carantónhas mais feias que jámais produzira a Extremadura, d'onde era natural, exclamou, persignando-se:

— A graça do Senhor seja connosco! Maria Santissima nos proteja, que vamos passar pelos castellos do *Mouro Regio*.

— Que castellos são esses? perguntou Roman, cravando os acicateos em seu corcel, e acercando-se do pagem.

— Estes castellos, respondeu o pagem, erão de um rei tão alto como aquelle penedo, e de uma tão extraordinaria força que fazia cahir um christão, batendo-lhe na cabeça apenas com o dedo indicador.

— E que foi feito desse Mouro?

— Os tres castellos que V. S. está vendo, e todas essas terras até lá em riba da serra erão d'elle, e tinha, além disto, o Mouro grandes thesours escondidos ali, e uma christã de tão peregrina formosura, que maravillhara a quantos tinham acertado de vê-la assomar ás torres.

— Mas o que foi feito do tal-mouro? repetiu impaciente o herdeiro de Vilhena.

— O Sr. D. Henrique III, que Deus guarde, tornou o pagem, descobrindo-se, assim como quantos ouvirão as suas palavras, expulsou-o dos castellos; mas foi o mesmo que nada, porque quantos fidalgos vierão habitál-os forão mortos pela *sombra do Mouro*, que se conservou *pegada ás paredes*.

Havião-se grupado em torno do pagem muitos fidalgos da comitiva, e todos derão mostras de assombro á estranha relação de haverem sido mortos os habitantes do castello pela *sombra do Mouro que se lhe conservára pegada ás paredes*. Roman, porém, sorriu-se, e affastou-se do grupo, tornando a incorporar-se na guarda do rei.

Havião chegado ao primeiro castello, que sobresahia entre os outros dous, separados á direita e esquerda por um raio de duas leguas, e Roman, erguendo os olhos para aquella magna mole, deteve o corcel com respeitosa admiração.

— Donzel, bradou D. João II, galguemos lá acima, e vejamos quantos valentes se podem collocar nas ameias do teu castello.

Dizendo isto, el-rei picou de esporas ao cavallo, e atraz d'elle seguirão os principaes senhores da comitiva, excepto D. Alvaro, que julgou inutil subir, pois que tinha exacta noticia de todos os castellos que, pelos domínios do seu soberano, se deparavão. Porém, S. A., por isso mesmo que de nada enjundia, e de nada se fazia cargo, ostentava em presença da sua corte uma superabundancia tal de actividade, que fazia sorrir o poderoso valido. El-rei queria assim mostrar que o seu zelo chegava até ás cousas mais pequenas, quando o condestavel sabia muito bem que não chegava ás mais importantes.

Preparava-se no entretanto uma grande tormenta, que eu não havia annunciado, porque acho impertinencia fallar do tempo, e porque me propunha a omitir todas ás circumstancias inuteis na minha narrativa, attendendo á que os poetas nada nos deixarão que dizer de novo em suas descripções. Porém esta tormenta é causa de outros successos, que terei de mencionar depois, e por isso é necessário que affrontemos o risco de subir ao castello com a régia cavalgata, quando já as primeiras gottas de grossa chuva commençação de enochar as escuras ardozias do caminho.

— Veio em boa occasião, disse o rei alegremente, ao reparar na chuva, e ouvindo um tremendo trovão, que fez estremecer toda a serra.

— Senhor, exclamou com voz cortada o velho Pacheco, aio do príncipe D. Henrique; parece-me que não é a occasião mais opportuna de subir ás alturas aquella em que o raio as ameaça. Seria mais prudente esperar no valle...

— Donzel, acodiu o rei dirigindo-se a Roman, acompanhai ao valle o bom do Pacheco, e vinde depois receber connigo, nas alturas, os raios com que podemos temperar as espadas que hão de vencer aos de Santiago.

Pacheco mordeu os beiços, e Roman abaixou os olhos.

— Ao valle, repetiu S. A. com firmeza. Ao valle, filhos d'algo: não quero lá emcima quem se arreccie de tempestades.

— Senhor, disse com voz supplicante o príncipe D. Henrique, Pacheco é um leal servilior.

— Pois que suba em paz, tornou o rei, asserenando-se e recobrando aquella placidez que dava ao seu olhar uma expressão de tão profunda bondade.

Quando chegarão ás muralhas do castello já uns aos outros se não vião. As nuvens havião descido ás faldas da serra, e envolvião os nobres

cavalleiros, fazendo-lhes os relampagos chispar, como milhares de scentelhas, elmos, escudos, acicates e espadas.

As torres do castello sombrias e formidaveis, e que a espessa nebrina parecia ter avolumado, semelhavão os poderosos agentes das tempestades que baixavão dos céos a arrebatar os homens. Dir-se-hia que o vapor levantava aquelles homens ousados para os lundir nas nuvens e deslazel-os entre os raios.

Roman era o que mais adiantado caminhava, quando um fortissimo trovão, que lhe estalou aos pés, espantou o cavallo, e o obrigou a retroceder sobre um precipicio que havia na serra para o lado do Oriente. Luctava o nobre animal entre os penedos, fazendo saltar delles com os cascos chispas innumeraveis, e, a cada trovão que estalava naquella noite improvisada, colleava desatentado e cego, umas vezes avançando para a serra, e outras querendo despenhar-se de alto.

Entrava el-rei já pela porta do castello, e Pacheco, persignando-se, o seguia de perto, enquanto os outros, em confuso tropel, rompião pela escuridão, derrubando-se mutuamente, perdendo os elmos, e largando os cavallos, que, espantados, se arrojavão por aquellas penedias.

Entrou finalmente o rei nas salas do castello, forão apparecendo os seus vassallos, e virão-se então, incluindo o de S. A., muitos semblantes descórados. Nem isto era para admirar. O velho Pacheco nunca vira semelhante tormenta. Porém, ao mirarem-se uns aos outros, exclamãrão todos: e Roman!

Assomou-se el-rei a uma janella da sala principal, e alongou a vista pelos campos. Só se vião as nuvens a girar em torno como bando de negras e brancas cegonhas.

— O mais valente dos meus guerreiros, disse S. A. voltando muito triste para os senhores, o mais sabião não só dos moços, mas dos anciãos tambem, despenhou-se talvez por essas alturas, e terei de contar esta hora entre as mais desgraçadas da minha vida. Que saião quatro archeiros a procural-o.

Porém naquelle instante uma luz vivissima

deslumbrou o rei; um raio cahiu, roçando pela torre, e levando com espantoso fragor as pedras, que ainda hoje se vêem arrancadas da parte exterior; uma lufada de enxofre entrou pela janella, e os que estavam mais longe do rei virão cahir S. A. meio afogado. Apoderou-se de todos o terror, e sómente Pacheco se acercou do rei, o tomou em seus braços, apesar de tão quebrado como estava de forças, e o trouxe para o ar livre. No entretanto dizia o pagem de lança aos demais, mostrando-lhes uma fonte, que ainda se conserva em uma das salas do castello:

— Esta é a fonte d'onde bebia o Mouro. De onde vem a agua? Bem vêem que ella só pôde aqui sahir por obra de encantamento.

Com effeito a agua desta fonte não sobe, mas desce da explanada por meio de aqueductos perfeitamente construidos (1).

Tornou a si o rei; cessarão os trovões; desapparecerão as nuvens; limpou a atmosphera, e poderão-se ver das torres os campos cobertos de arvores acurvadas ao peso da chuva, os abysmos, que a agua chegára, os arrosios recém-nascidos a serpear para os valles, os prados radiantes de frescura, e em torno do castello até as formosas peonias dobradas a expandir; ao primeiro raio do sol, o calix amarello entré as vivas e desmaiadas folhas.

— Vêem á nossa esquerda, disse Peres, aquelle monstro negro a erguer-se lá do meio de uma cova? Ali era onde habitava mais tempo o Mouro. Olhem para aquelle phantasma onde se vê ondeando o pavilhão real. Ali é que nós havemos de dormir esta noite. Louvado seja Deos, se nos não succederem mais desgraças! Já vêem que só por termos entrado neste castello succederão duas. A sombra do Mouro está pegada á paredes dos seus tres castellos; foi ella que chamou a tormenta sobre nós outros, e que levou pelos ares o donzel!

(Continua).

(1) Tem 30 pés de comprimento e 15 de largura, e nunca se viu esgotada, pelo que se ignora a sua profundidade. A agua conserva-se pura sempre, e a esta fonte vêem as cabras beber.

## POESIA.

MAMÃI.

A' UMA MENINA.

Mamãi! Mamãi! morreste já tão cedo!  
Tão cedo me deixaste, — e tão sósinha?...  
Não quizeste que mais tempo cá na terra  
Gozasse mais prazer na vida minha?

Mamãi! Mamãi! não fui sempre tão boa,  
Tão docil ao que meiga me dizias?  
E porque é que só me deixas neste mundo,  
Sem poder, sem ti, gozar mais alegrias?!...

Foi muita engratidão!... oh! sim mamã!...  
Não devias deixar tua filhinha!...

Eu sempre amei-te tanto!.. Ah! pude um dia  
Causar-te algum desgosto, mamãzinha?

Não dizias, me abraçando, tantas vezes  
Que era a tua filhinha o teu encanto?...

E porque te foste embora, e só, sem mim,  
Sem ter, no rosto meu, meu triste pranto?

Não vês estes meus olhos tão vermelhos  
E tão inchados já, mamã! não vês?

Mamã, é de chorar!... não posso, não,  
Estar longe de ti... — Mamã, não crês?

E porque é que tu me deixas? Tu não sentes  
Deixar-me tão sózinha e tão pequena?

Não tens pena de mim, queres que eu morra?...  
Dize, ó mamãzinha! não tens pena?...

Oh! não, boa mamã, tu não deixavas,  
Sem seres obrigada, o encanto teu:  
Quem veio te buscar? — Foi lindo anjinho  
Que sózinha me deixou, levou-te ao Céu?

Mamã! eu quero ir p'ra onde estás!  
Tambem eu quero, e cedo, — ao Céu voar!

Pois sem tí, tu bem sabes, mamãzinha,  
Não cessa em olhos meus triste chorar.

Mamã, chama-me ao Céu! — Oh! sim, tem pena!  
— Um seu anjinho pede muito a Deus —  
Que mande-me buscar... e junto a tí  
Irei ciugir-te nos bracinhos meus.

Mamã, chama-me ao Céu! Eu já não tenho  
Quem me acalente quando eu busco o leito...  
Mamã, eu muito soffro!... Eu já não posso  
Um instante dormir, — em vão me deito!

Mamã, chama-me ao Céu! Ninguém na terra  
Me chama como tu — *minha fi lhinha* —;  
Mamã, ninguém consola como tu,  
Vendo o pranto correr na face minha!

Mamã, eu vou p'ra o Céu! Não é verdade?  
Tu vás pedir por mim, junto ao bom Deus?  
Oh! eu já sou contente, — eu já vou ver-te!  
Até logo no Céu!... Mamã, Adeus!...

18 de Dezembro de 1854.

Joséfon.

## AS TRES NOITES DE NATAL.

(Continuadô do n.º 4.)

II.

O DELICTO.

— No n.º 16 da rua de Santa Catharina moravão, ha dous annos, uma viuva e sua filha Cecilia, que apenas contava quinze annos. A Sra. Robert era trabalhadeira, e sua filha a ajudava com toda a actividade e *enjoyment* de sua idade. Educada debaixo das vistas de sua mãe, e em um prudente isolamento, Cecilia vivia tranquilla, se não feliz, porque nenhum cuidado tinha ainda incommodado o seu coração. Laboriosa e amavel, era ella a consolação de sua mãe á quem amava extremosamente, comquanto fosse desta excessivamente severa e muito devota.

Com o fim de diminuir a importância do aluguel, e segundo é costume em Lyon, a Sra. Robert tinha preparado uma linda sala e um gabinete para alugar, e reservava o resto da casa para si. Em uma das primeiras tardes de Setembro veio um moço para alugar o quarto. Estava elle tão pallido e desfigurado, que a Sra. Robert a principio teve medo, mas depois teve pena delle; e, sem lhe perguntar d'onde vinha

elle, segundo o costume, acolheu-o; e antes da noite, estava elle installado.

No dia seguinte, e por muitos dias consecutivos o moço só sahia ao anoitecer, e voltava cedo. Parecia triste e desgraçado, e quasi nunca lhes fallava. A Sra. Robert ficou muito apprehensiva do ar mysterioso do seu inquilino, e certamente, a não ser elle tão agradável e tão sogado, teria ella avisado o commissario da policia.

Ao fim de doze dias este moço adoeceu: estava *accommettido* por uma febre lenta. A Sra. Robert e Cecilia esmerarão-se caridosamente em tratá-lo. Velarão junto delle por espaço de quatro noites, durante as quaes uma febre ardente o fazia delirar. Então gritava por seu pai, e dizia que queria retirar-se. Quando tornou a si, contou ás suas boas enfermeiras que era um Italiano refugiado; que seu pai, habitante de Modena, estava gravemente doente, e pedia que queria ver seu filho. Mas o grão-duque recusava-se a permittir-lhe que elle entrasse na sua patria. Tal era a causa do seu desespero e de sua molestia. As duas mulheres lamentarão o desgraçado estrangeiro, e lhe prodigalisarão todas as consolações que estavam ao seu alcance.

Graças aos seus cuidados elle melhorou, e, para divertir a sua convalescença, era frequentes vezes recebido na casa de suas vizinhas. Enquanto ellas trabalhavão, elle lia ou fallava da Italia. Não é um agradável prazer para os desterrados avivar as saudades da patria? Pouco a pouco elle se foi familiarizando, e tornou-se menos tristonho. Suas vizinhas acostumarão-se a vel-o. A Sra. Robert, compenetrada do seu amor filial, depositou confiança, e admittiu-o sem suspeita alguma á sua intimidade. Dieudonné (assim se chamava elle) tinha a pelle morena dos filhos do Sul, pequenos bigodes negros, labios delgados, nariz fino, olhos pretos e brilhantes, e tão penetrantes, que naturalmente, e sem pôr duvidas, Cecilia o amou.

— Era absolutamente como o teu amante, disse Tonina á Clarisse.

Clemencia continuou como se não tivesse ouvido:

— Demais, elle era tão desgraçado, e a desgraça é um imão que attrahe o coração de uma lher, sobretudo quando é nobremente supportada por um bello moço. Cecilia era muito linda, e tão innocente como uma criança. O seu unico defeito era uma tendencia para a exaltação, que então lhe dava uma grande força de caracter.

Dieudonné não ousou ao principio, por prudencia, confessar a Cecilia que a amava. Mas seus olhos bem lh'o dirião, e, sempre que elle os dirigia para ella, ella abaixava os seus. Algumas vezes elle conseguia, sem ser visto pela mãe, apertar a mão da moça, e dar nella um beijo que a fazia estremecer: um dia que a Sra. Robert tinha sahido por um momento, lançou-se elle aos pés de Cecilia, e confessou-lhe o seu amor. Tinha um modo tão supplicante; erão suas palavras tão doces e persuasivas, que ella não pôde repellil-o como o devêra ter feito. Ah! como os ouvidos de uma moça são sensiveis aos protestos e juramentos dos homens! Apenas os ouviu ficou meia-vençada.

Não ha então a experiencia para defendel-a, e a novidade desta linguagem tão insinuante a seduz e desarma. Cecilia amava Dieudonné, e a sua voz não era mais que o echo do seu coração despertado da sua innocencia. Mas ficou ella tão commovida e tão confusa, que fugiu, lançando-lhe como unica resposta um olhar de esperança.

Desde então Cecilia não ousou mais levantar os olhos para sua mãe com a mesma placidez de outr'ora, temendo que ella adivinhasse o seu segredo. Perdeu a sua alegria e as bellas côres de suas faces tão risonhas. Amava, e não podia confessal-o. Por sua parte, Dieudonné, sem dar a perceber cousa alguma a esta mãe desconfiada, tinha para com a sua amiga esta pequena moeda de amor, estas mil pequenas cousas que são tudo para uma mulher amante e amada: um olhar, um apertar de mão, uma preferencia, e mil outras cousas que se recebem como outras tantas provas de ternura. No dia de Santa Cecilia, Dieudonné lhe offereceu flores e uma pequena cruz de ouro. Cecilia lh'o agradeceu com um olhar que valia mais do que as mais bellas palavras, e á tarde achou um momento para lhe dar em troca uma medalha de prata de Nossa

Senhora de Fourvières, suspensa em uma fita preta, e lhe pediu que a conservasse como o talismão da sua felicidade. Então, em um entusiastico momento de paixão, predeu a moça entre seus braços e beijos suas mãos muitas vezes. Oh! em que estado ficou ella! quanta força de espirito lhe foi necessaria para abafar a sua perturbação e responder á sua mãe que a chamava!

Quatro dias depois era o dia de Santa Catharina. A Sra. Robert, achando sua filha triste, convidou duas vizinhas e suas meninas para festejar este dia. Dieudonné tambem foi admittido, e mostrou-se muito alegre e agradável perto das moças. Cecilia o notou, e no seu coração insinuou-se essa vibora chamada ciúme, que faz tão cruéis feridas. Oh! apenas nossa alma se acha despertada e animada pelo fogo celeste do amor, é preciso que seja ainda queimada pelo ciúme! Foi o que perdeu Cecilia. Temendo ver Dieudonné amar outra, concedeu muitos carinhos. Dieudonné era provavelmente habil em seduzir, porque conseguiu excitar e exaltar o seu amor para com elle. Mas um dia foi imprudente, e a Sra. Robert surpreendeu a sua conversação.

Cecilia estava pura, e talvez tivesse resistido á sua paixão, se sua mãe lhe houvesse feito amigaveis advertencias, e dado conselhos affectuosos em lugar de asperas reprehensões e ameaças que lhe fez.

Os máus tratamentos nunca servem senão para azedar o animo, abafar a razão, e excitar o ardor da paixão. O rigor materno é tão deploravel como uma grande negligencia, porque comprime o coração de uma menina que tem tanto maior necessidade de expandir-se no seio de uma mãe, quanto mais innocente e timorata ella é.

Dieudonné mudou-se, mas facilmente achou meios para corresponder-se com Cecilia. Esta, desgraçada e sem conselhos; só consultou o seu coração: o seu espirito exaltou-se com os obstaculos; e, instada pelas sollicitações de Dieudonné, consentiu em abandonar sua mãe, que se oppunha ao seu casamento. Abandonar sua mãe! Oh! meu Deus! que força destes vós ao coração dos homens para que esqueçam tão depressa o mais sagrado e intimo dos sentimentos! Depois de longos debates, ficou resolvido entre ella e elle que se reunirião, na noite de Natal, na igreja de S. Pedro, e que ali se receberião.

Chegou a vespera do Natal. A Sra. Robert, que soffria havia alguns dias, decidiu-se, contra o seu religioso costume, a não ir á missa da meia noite: Cecilia procurou fazel-a mudar de resolução, mas sem insistir muito, porque temia deixar suspeitar o seu projecto. Retirou-se para o seu quarto para scismar no meio de executar a sua promessa. Tão exaltado estava o seu espirito, e perturbava-a tanto o sangue que lhe subia ao cerebro, que resolveu emprehender tudo para sahir. Derão onze horas: a Sra. Robert guardou o seu trabalho, e começava a fazer sua oração quando baterão na porta. Erão as vizinhas convidadas no dia de Santa Catharina, que por sua vez vinhão convidar a Sra. Robert e sua filha para uma ceia de Natal. Foi impossivel recusar-lhes.



A igreja estava quasi cheia de uma multidão tumultuosa. Entretanto Cecilia avistou logo Dieu-donné: seu coração batia vivamente, mas ella disfarçou. O remorso lazia cahir a sua resolução. Apesar dos gestos supplicantes de Dieu-donné ella não deixou o braço de sua mãe. Querria fugir, e não podia decidir-se. Então ella fechou os olhos, e fez oração a Deus. Sentindo-se mais forte por este acto religioso, chegou a resistir aos impulsos do seu coração.

Acabada a missa, toda a multidão se amontou nas portas. Houve grande aperto; algumas pessoas se puzeram a empurrar para diante delles e a gritar. Então foi extrema a confusão, e neste momento esmagavão-se contra as portas. Dieu-donné procurou approximar-se de Cecilia. De repente o povo, achando sahida por uma porta inteiramente aberta, arrastou a Sra. Robert, e separou-a de sua filha. Esta em vão se esforçou para reunir-se a ella, mas immediatamente cem

pessoas estavam de permeio. Cecilia soltava gritos desesperados; e teria sido suffocada no meio do povo, que a empurrava de um lado para o outro, se Dieu-donné, fazendo grande esforço, não tivesse chegado a segural-a. Amparou-a com o seu corpo, e com os braços affastou os que mais a apertavão: emfim acharão-se fóra do tumulto.

Era tempo, porque no mesmo instante Cecilia desmaiou. Dieu-donné a segurou em seus braços, e, atravessando a praça de S. Pedro, conduziu-a para uma casa, no caes de Saõna, aonde havia uma mulher, com quem elle morava.

— Oh! disse Tonina, eis ahi a Sra. Cecilia em uma situação bem arriscada.

Clemencia lançou um olhar de desprezo, que felizmente Tonina não viu, e assim continuou:

— A mulher recebeu Cecilia, e ao romper do dia um sacerdote, antecedentemente prevenido, lançou as bençãos nupciaes sobre Cecilia e Dieu-donné.

(Continua.)



## BOLETIM MUSICAL.

E' admiravel a rapidez com que se desenvolve o gosto e apreço pela musica no Rio de Janeiro.

O theatro lyrico, effectivamente concorrido, é hoje uma necessidade que a população certamente não poderia dispensar, se os seus trabalhos houvessem de ser interrompidos. Os actores respeitão o juizo critico do publico, e dedicão-se a serios estudos para corresponder aos desejos do seu judicioso auditorio. Felizmente não podemos queixar-nos da actual companhia, cujo merecimento é em geral reconhecido. Na noite de 4 do corrente cantou a Sra. Zecchini a opera *Ernani* de modo que muito agradou, e foi com muita justiça coberta de applausos: tivemos pezar que a chuva copiosa que cahiu então motivasse a muita pequena concurrencia a esse espectáculo.

Na noite de 6 representou-se a *Semiramis*, onde a Sra. Charton mais uma vez recebeu provas do apreço em que é tida, e a Sra. Casaloni mostrou quanto se empenha em tirar partido da magnifica voz de que é dotada, para ser uma grande cantora de genero bem raro. Com muita razão foi applaudida por diversas vezes nessa noite, e cremos que sempre será ouvida com prazer na parte que muito bem desempenhou.

O *Trovador* foi representado com muito successo na recita de 9 do corrente, sendo brilhante a execução das duas damas. Finalmente a 11 teve logar o beneficio da Sra. Stella Candidi, cujo variado espectáculo mereceu a approvação do respeitavel auditorio.

A directoria actual tem-se tornado digna da

confiança publica. Consta-nos que se ensaião duas operas ainda não desempenhadas no nosso theatro, sendo uma dellas o *Rigoletto*, afamada composição.

Se pelo theatro a sciencia faz progressos, também se avanta ella pela criação de conservatorios que são frequentados por bom numero de alumnos: e d'entre elles citaremos, além do conservatorio publico, o do Sr. Bento Fernandes das Mercês, e o do collegio Marinho, dirigido por este distincto professor, que bastante deve orgulhar-se da maneira por que os seus discipulos forão victoriados no divertimento collegial de 20 de Dezembro ultimo. O Sr. Bento tem creado para si uma bella reputação, e prestado á sua sciencia um relevante serviço, que lhe deve ser reconhecido.

O methodo de ensino da musica aperfeiçoa-se grandemente, e consta-nos mesmo que brevemente será publicado um novo compendio de muito merecimento.

As publicações musicas succedem-se diariamente. Nesta semana foi dada á luz uma nova polka denominada *Zé-Zé*, e que será por certo mais um motivo de enthusiasmo nos nossos salões: é uma feliz composição do nosso patricio o Sr. Antonio Luiz de Moura, cujo talento é já conhecido pelo bom gosto de suas diversas composições.

Sabemos que o Sr. Fachinetti tem produzido algumas delicadas composições, cuja publicação o *Jornal das Senhoras* procurará fazer logo que lhe seja isso possivel.

Corina.

Acompanha este n.º 2 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.